

Vitória da ala do Governo favorável ao crescimento

Desvalorização da moeda indica que prevaleceram idéias defendidas por políticos ligados ao ministro da Saúde, José Serra

Leandra Peres

• BRASÍLIA. A mudança na política cambial acabou fortalecendo a ala desenvolvimentista do Governo, que pedia uma desvalorização do Real. A avaliação é que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, não teve outra saída senão adotar o remédio recomendado há algum tempo pelos opositores à equipe econômica, considerado até agora inadmissível. Com isso, a ala liderada pelo ministro da Saúde, José Serra — que tem simpatizantes como o ministro da Educação, Paulo Renato, e o ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros — teria saído fortalecida.

Essa impressão acabou crescendo e o mercado financeiro passou o dia especulando sobre a demissão do ministro da Fazenda. Os boatos diziam que Malan havia discordado da desvalorização cambial e acertado com o presidente Fernando Henrique Cardoso que ficaria no cargo por apenas mais dois meses. O Ministério da Fazenda fez questão de garantir que o ministro fica no Governo e Malan, sempre avesso a respostas a boatos do mercado financeiro, desta vez fez questão de desmentir.

— Não é verdade — disse Malan, através da assessoria de imprensa.

Defensores de Malan dizem que mudanças não seguem

Os defensores do ministro Malan argumentam que a mudança na política cambial não foi feita nos moldes advogados pelo grupo do ministro Serra e, portanto, não teria havido fortalecimento da ala desenvolvimentista dentro do Governo. O outro argumento é que a mexida no câmbio foi negociada diretamente, que participou de toda a discussão e aprovou o desenho final.

Serra, enquanto ministro do Planejamento, sempre defendeu uma mudança no câmbio porque achava que a sobrevalorização não poderia ser mantida até o ajuste fiscal. Malan, que tinha como porta-voz o ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, sustentava a tese de que a política cambial só deveria ser mudada quando se resolvesse a situação das contas públicas, pois de outro modo a desvalorização cambial seria consumida pelo desequilíbrio fiscal.

O futuro presidente do BC, Francisco Lopes, quis evitar a polarização entre as alas desenvolvimentistas e aqueles que defen-



Roberto Stuckert Filho

MALAN: SEMPRE avesso a boatos, ministro dessa vez mandou dizer que não é verdade que esteja saindo do Governo

dem uma política monetária rígida, que tinham no ex-presidente do BC, Gustavo Franco, o maior defensor. Segundo ele, o importante é encontrar formas de desenvolvimento que preservem a estabilidade da moeda e citou como condições para que isso aconteça a inflação baixa, o ajuste fiscal e a privatização.

— Não há divergências quanto ao que queremos. A questão é se

existem caminhos mais fáceis. Todos são desenvolvimentistas, mas não há como gerar este desenvolvimento sem estabilidade da economia. Não há riscos no que estamos fazendo. Senão não estaríamos fazendo. Todos temos a ganhar — garantiu Lopes.

Malan vinha sendo considerado uma das figuras mais influentes no Governo. Ele participou da formação do novo ministério, chancelan-

do o nome de Celso Lafer, para o cargo considerado o mais importante, o Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio. Na briga com o PFL pela nomeação do presidente da Caixa Econômica Federal, Malan perdeu no nome do titular, mas conseguiu tirar da Caixa a política habitacional e manteve seu representante, o atual presidente, Sérgio Cutolo, no conselho do banco. ■